

## Caminhos do PCI na comunidade das Minas da Borralha

Pedro Araújo

Universidade do Porto

---

**Resumo:** A pesquisa de terreno iniciada nas Minas da Borralha em 2009 e ainda em curso, centrou a sua atenção entre a recolha de histórias de vida, intercâmbios de experiências acerca da problemática do contrabando e a investigação documental.

Fruto do trabalho realizado, encontra-se em vias de elaboração um glossário, atualmente com cerca de 100 variantes linguísticas, retiradas diretamente dos discursos dos informantes.

Para a Ecomuseologia, este tipo de projetos permite um contacto privilegiado com os múltiplos significados e experiências que a comunidade mineira foi construindo ao longo de quase 90 anos de história. Por outro lado, abre caminhos para a compreensão dos territórios físicos e mentais que conduziram à apropriação, por parte da comunidade, de um léxico tão extenso e rico como é o “falar mineiro”. Para as instituições museológicas, esta é uma oportunidade única para a criação de um Thesaurus dedicado ao PCI em geral e ao Património Mineiro em particular.

**Palavras-chave:** Ecomuseu, Comunidade, Pesquisa no Terreno, Património Industrial Mineiro.

**Abstract:** *The field research in the wolfram Mines of Borralha, in Portugal, started in 2009, and has focused its attention in miner's lifestories.*

*In a result of a vast process of investigation, the construction of a glossary is in process and containing about 100 linguistic terms and expressions, selected from the direct speech and testimonies of the informants. To Ecomuseology, this particular kind of projects allows for a very close contact with the meanings and expressions of a mining community.*

*To the museums, this is an unique opportunity to create a Thesaurus dedicated to the Intangible Heritage in general and to the Mining and Industrial Heritage of in particular.*

**Keywords:** *Eco-museum, Community, Field Research, Industrial Heritage*

---

### ***Introdução***

O Couto Mineiro da Borralha situa-se no norte de Portugal, preenchendo parte do concelho minhoto de Vieira do Minho e parte do concelho transmontano de Montalegre. As minas laboraram oficialmente de 1902 até 1986, altura em que fecharam portas abruptamente, fruto, entre outras contingências, de graves problemas financeiros da empresa. No seu legado, as Minas da Borralha apresentam-se como as principais produtoras de concentrados de volfrâmio até sensivelmente 1930, altura em que a produção das Minas da Panasqueira ultrapassou definitivamente as da Borralha. Porém, ao longo da sua história, as Minas da Borralha mantiveram-se firmemente na segunda posição da tabela de produção nacional de ferro-tungsténio até ao seu encerramento. Do seu legado histórico faz também parte a única Fundição de concentrados de volfrâmio, pertença de uma companhia mineira, edificada em finais da década de 1940 e em laboração a partir de 1953.

De 1986 até aos dias de hoje muito pouco se fez pelo Património das Minas da Borralha. Consciente desta lacuna, o município de Montalegre, por intermédio do Ecomuseu de Barroso, colocou em prática em 2009, um projeto de pesquisa no terreno, com a finalidade de recolher as histórias de vida de antigos trabalhadores das minas. Este projeto, ainda em curso, conta atualmente com cerca de 63 depoimentos primários, a que correspondem 57 situações de entrevistas não estruturadas, 6 delas em grupo, totalizando cerca de 70 horas de gravações áudio e vídeo.

### ***Caminhos do PCI na comunidade das Minas da Borralha: a Pesquisa de Terreno.***

Cientificamente, o trabalho procura uma aproximação ao paradigma pós-positivista. Revestido de um forte pendor historiográfico, o projeto procura dar a palavra ao que Marc Bloch designou como os mudos da história (Bucaille & Pesez, 1989). Concetualmente, a pesquisa procura explorar os princípios da ecomuseologia participativa (Nabais, 2003), trabalhando, através de uma abordagem construtiva, com a ideia de memória coletiva. Foi seguido um processo de recorrer, por um lado, ao reconhecimento das características coletivas e repetitivas que sustentam a ideia de comunidade mineira, sobrepondo à noção de individualidade a ideia de coletividade (Bucaille & Pesez, 1989), ao mesmo tempo que se procuravam enfatizar as experiências inter-partilhadas entre informantes, evitando aquilo a que Jean Poirier se refere como la récit de la pratique (Poirier et al, 1995). A necessária transcrição dos depoimentos e a posterior análise preliminar dos seus conteúdos, revelou um património a todos os níveis riquíssimo. Subitamente, o investigador

deparou-se com uma série de possibilidades de investigação, jamais colocadas no início do projeto. Com o exercício da transcrição, foi possível redesenhar uma nova série de caminhos, que partindo das memórias da comunidade, ofereciam a oportunidade à equipa do projeto de aprofundar aspetos até então fora do contexto da investigação. Destes, o que provavelmente mais se destaca é a linguagem utilizada pelos antigos operários, nomeadamente o uso de termos e expressões muito peculiares para designar, por exemplo, a procura e contrabando de minério de forma clandestina - essencialmente nas décadas de 1940 e 1950 - Fárria, o conceito de apanhistas ou mesmo os artefactos de separação de escombros por ação da água – lavadouros.



*Fig.1: Lavadouro.*

Do gíria mineira utilizada nas Minas da Borralha, encontram-se sinalizados atualmente mais de 100 termos e expressões, devidamente contextualizados nos discursos dos informantes. Este tipo de informação permite desvendar um pouco mais dos pilares em que outrora assentaram os diversos contextos sócio-económicos da comunidade, revelando ao mesmo tempo algumas das paisagens mentais (Rodrigues, 2005) construídas pelos informantes ao longo da sua vida.

Os termos e expressões, auxiliam também à compreensão dos complexos fenómenos subjacentes à migração e emigração de indivíduos de e para as Minas da Borralha. De facto, alguns destes termos e expressões são muitíssimo semelhantes aos encontrados em outros coutos mineiros portugueses, nomeadamente nas Minas do Lousal e de Aljustrel, na região do Alentejo. Estes factos acabam fatalmente por revelar, por exemplo, que ao contrário do que à partida se poderia pensar, os territórios mineiros, apesar de se situarem grosso modo em zonas mais ou menos remotas, geraram vários fenómenos de confluência, nomeadamente os de índole linguística. Consequentemente e impulsionados por estas dinâmicas, constituíram-se como importantes pólos sócio-económicos, cujo magnetismo gerou uma rara e curiosa mescla de gentes e culturas.

Para a Museologia a identificação deste tipo de características, traduz-se num indubitável contributo para a elaboração do plano museológico, que dará lugar ao futuro pólo museológico das Minas da Borralha. Através da exploração e experimentação dos múltiplos significados presentes nos termos e expressões, será possível criar um projeto cujo contributo ativo das populações não se ficará pela mera doação, empréstimo ou venda de artefactos. Aliás, a intenção de todo o processo investigacional, consiste na inversão dos papéis das tradicionais práticas museológicas, em que a valorização da dimensão material dos artefactos acaba, na maioria das vezes, por secundarizar as vertentes intangíveis dos mesmos.

A utilidade deste tipo de conteúdos para a concretização do projeto museológico das Minas da Borralha assume, complementarmente, uma outra perspetiva. Para o museólogo, a possibilidade de aprofundar as noções que Claude Rivière descreve como etnohistória e etnolinguística (Rivière, 1995), potencia, como foi experimentado neste projeto, uma abordagem construtivista do conhecimento. Partindo da escolha seletiva de um conjunto de termos recolhidos nos discursos dos informantes, foi possível selecionar uma série de histórias muito concretas, acerca de uma série de artefactos construídos e usados pelos antigos operário/ apanhistas/contrabandistas de volfrâmio.

Uma vez selecionadas essas mesmas histórias, o investigador, usando os métodos de investigação propostos por Robert Burguess (1997) e Claude Rivière (1995), iniciou uma intensa pesquisa bibliográfica. O intuito consistia em confrontar os depoimentos e as informações daí retiradas com dados cientificamente validados em obras de carácter científico ou literário. O resultado foi surpreendente. Por exemplo, no caso do termo sarilho, foi não só possível a partir das descrições dos informantes, traçar a sua evolução tecnológica desde o período romano até à década de 1980, como também enriquecer a sua dimensão material com as narrativas partilhadas pelos informantes. Mais importante ainda, terá sido a constatação da extraordinária semelhança verificada entre os sarilhos de origem romana referidos por Jorge de Alarcão (2002) e imortalizados no papel séculos mais tarde por Georgius Agricola, com os referidos pelos informantes nos seus depoimentos.



*Fig.2: Construção de sarilho por informante.*

Perante este facto, coube ao investigador recorrer aos métodos da antropologia experimental, desafiando os próprios informantes a materializarem as suas representações mentais na construção de um sarilho.

Um outro exemplo, porventura mais enigmático no que concerne à sua origem, prende-se com um sistema de separação do escombro usado pelos apanhistas. O lavadouro, artefacto de madeira, de forma retangular, aberto numa das extremidades, foi-nos descrito como um utensílio largamente difundido pela comunidade. Mais uma vez, partindo dos depoimentos dos informantes, foi pedido a um antigo operário a construção do artefacto. Uma vez construído, foi exposto num evento local dedicado às Minas da Borralha. Sem que nada o pudesse prever, a grande maioria dos antigos operários presentes, reconheceram o lavadouro.

### **Conclusão.**

A centralidade do Património Cultural Imaterial nestes curiosos processos de (re)conhecimento e (re)encontro da comunidade com a sua história é mais do que evidente. Temos porém ainda um longo caminho a percorrer até que novas dimensões e novos caminhos, abertos pelo estudo do intangível, sejam reconhecidos, com efeito, como absolutamente relevantes para a museologia mineira, em igualdade de tratamento, por exemplo, com a vertente tecnológica. Como reflexão final, relembramos a oportuna afirmação partilhada por José M. Brandão (1998), quando refere que “[...] por detrás da leveza desta possível

“definição” [de museu de mina], esconde-se uma realidade cultural muito mais complexa, multifacetada, inspiradora das mais variadas abordagens, muito para além mesmo, do estrito ponto de vista dos recursos geomineiros e da sua exploração [...].”

### ***Referencias Bibliográficas.***

---

**Alarcão, Jorge de**, 2002. O Domínio Romano em Portugal. 4ª Edição. Lisboa: Publicações Europa-América.

**Bucaille, Richard & Pesez, Jean-Marie**, 1989. “Homo-Domesticação. Cultura Material”. In Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 11-47.

**Burguess, Robert G.**, 2001. A Pesquisa de Terreno. Traduzido do inglês por Freitas, Eduardo de & Mansinho, Maria Inês. Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-8027-43-5.

**Garcia, Francisco**, 1946. Minas concedidas no continente, desde agosto de 1836 a junho de 1946. Lisboa: Ed. do Ministério da Economia e Direção Geral de Minas e Serviços Geológicos.

**Ghiglione, Rodolphe & Matalon, Benjamin**, 1992. O Inquérito. Teoria e prática. Traduzido do francês por Pires, Conceição Lemos & Saint-Maurice, Ana de (Revisão técnica). Oeiras: Celta Editora. ISBN: 972-8027-01-X.

**Nabais, António José C. Maia**, 1993. “Nova Museologia – Novas Práticas museológicas”. In Revista Vértice, 54 (2), maio – junho de 1993. Lisboa: [s.n], pp. 46-50.

**Pearce, Susan**, 1994. “Thinking about things”. In Interpreting Objects and Collections (Ed. de Susan M. Pearce). Londres: Routledge. ISBN: 0-415-11289-3 (pbk), pp. 125-132.

**Pereira, José Jorge Alvares Pereira**, 1984. Riquezas mineralógicas de Barroso. Montalegre: Ed. da Câmara Municipal de Montalegre.

**Rivière, Claude**, 1995. Introdução à Antropologia. Tradução do Inglês por Martins, José F. Espadeiro. Lisboa: Edições 70. ISBN: 972-44-1032-3.

**Rodrigues, Paula**. 2005. Vidas na Mina: Memórias, Percursos e Identidades. Lisboa: Celta Editora. ISBN 972-774-216-5.

\*o investigador agradece à Câmara Municipal de Montalegre o apoio prestado na preparação da comunicação ao SIAM 2011.